Há seres cuja passagem pela nossa existência parece obedecer a uma ordem que a razão desconhece, mas que a sensibilidade, por vezes, intui. Presenças cuja verdadeira dimensão talvez só consigamos compreender quando a sua ausência nos obriga a revisitar o sentido de tudo quanto vivemos.

Chegaste pequeno, quando ainda ignorávamos a extensão dos caminhos que teríamos de percorrer. Durante dezasseis anos, atravessaste connosco geografias, circunstâncias e estações da alma. Mudaram-se as paisagens, as moradas, os horizontes e as certezas. Tu permaneceste.

E quando a vida nos confrontou com a fragilidade de tudo aquilo que julgávamos permanente, ensinaste-nos, na silenciosa constância da tua presença, que o verdadeiro sentido de pertença não reside necessariamente nos lugares que habitamos, mas nos seres com quem os habitamos.

Montaigne, nos seus *Ensaios*, questionando a presunção humana perante os restantes seres vivos, interrogava-se, numa admirável inversão de perspetiva:

«Quando brinco com a minha gata, quem sabe se ela não se entretém mais comigo do que eu com ela?»[1]

Talvez resida nessa interrogação uma verdade que tantas vezes nos escapa.

Julgávamos que te protegíamos, quando talvez fosses também tu quem nos protegia. Julgávamos fazer-te companhia, sem compreendermos inteiramente quanto a tua presença nos amparava. Julgávamos ter-te acolhido, quando talvez, de uma forma mais subtil e profunda, tivesses sido tu a acolher-nos.

Diversas tradições espirituais atribuem aos gatos uma singular sensibilidade ao invisível, a capacidade de pressentir as inquietações humanas e de harmonizar aquilo que, na linguagem dessas tradições, se designa por energias. Talvez essas interpretações traduzam, à sua maneira, a intuição de que nem tudo quanto sentimos na presença de outro ser se deixa apreender pela razão.

Não sabemos quanto de verdade encerra esse mistério. Sabemos, porém, que a tua presença tornou mais suportáveis algumas das nossas mais longas noites, mais leves algumas das nossas mais pesadas inquietações e menos solitárias algumas das nossas mais difíceis

travessias.

Chegaste antes da tempestade. Partiste quando começávamos, finalmente, a reencontrar a serenidade.

Talvez haja seres que não venham para nos acompanhar durante toda a vida, mas para nos ajudar a atravessar aquela parte dela que, sem a sua presença, teria sido mais difícil atravessar.

Permitimo-nos guardar essa possibilidade no domínio do mistério, como se, numa linguagem que desconhecemos, tivesses compreendido que já podias descansar.

Havia em ti uma extraordinária pureza de existir. A liberdade de quem desejava o mundo sem conhecer a sua hostilidade. A inocência de quem nunca aprendeu a desconfiar da vida. Bastavam-te a brisa, a luz, um jardim e a possibilidade de seres livre.

E, no entanto, entre todos os lugares que poderias desejar, escolhias quase sempre a nossa proximidade.

Gostavas de saltar para os nossos ombros, de encontrar repouso no nosso colo e de beber da água corrente da torneira que tantas vezes te abri. Pequenos rituais cuja aparente insignificância escondia a substância dos nossos dias. No incessante fluir da existência, eram esses pequenos gestos que nos devolviam a sensação de permanência.

Ao chamarmos pelo teu nome, respondias-nos com um breve miado ou com um discreto movimento da cauda. E no teu ronronar havia uma serenidade que dispensava qualquer explicação.

Contigo aprendemos que a intimidade não se mede pela quantidade de palavras trocadas, mas pela profundidade dos silêncios partilhados.

Até ao último dia, quando o corpo já mal conseguia acompanhar a vontade, procuraste o jardim, o ar livre e a carícia da natureza.

Até ao limiar da morte, permaneceste fiel à vida.

Foi nesse mesmo jardim que escolhemos confiar à terra o teu corpo. Depois de tantas moradas, tantas geografias e tantas travessias, quisemos que encontrasses, finalmente, um

lugar de permanência.

Há lugares que nos pertencem muito antes de os possuirmos. Não por força de qualquer direito, mas pela memória que neles depositamos, pelas raízes que neles lançamos e pelas promessas que silenciosamente lhes confiamos.

Aquele pedaço de terra guarda agora mais do que a tua memória. Guarda uma promessa. A de continuarmos a reconstruir aquilo que a vida um dia nos obrigou a deixar para trás. A de reencontrarmos a estabilidade depois de tantos anos de impermanência. A de procurarmos reunir, num horizonte de serenidade, aqueles que o tempo e as circunstâncias dispersaram.

Que as raízes que hoje ali lançámos possam um dia encontrar a segurança da nossa própria permanência.

Fico-te a dever também essa conquista.

Porque há compromissos que se assumem no silêncio de uma despedida e que a memória transforma em razões para continuar.

O teu corpo acabou por ceder às leis inexoráveis da matéria. Mas há qualquer coisa na natureza dos afetos que parece resistir à finitude. Há presenças que, deixando de ocupar um lugar no espaço, passam a ocupar um lugar definitivo em nós.

Chamávamos-te Faísca. E talvez nenhum nome pudesse ter sido mais premonitório.

Foste luz nos nossos dias de penumbra, calor nos tempos de desabrigo e uma silenciosa expressão de amor quando tantas outras coisas pareciam perder o sentido.

Uma faísca não se mede pelo tempo durante o qual brilha, mas pela chama que é capaz de deixar acesa.

Não te recordaremos pela fragilidade do corpo que partiu, mas pela grandeza da presença que ficou.

Entre a dor de te perder e o privilégio de nos teres escolhido, será sempre a gratidão a prevalecer.

Obrigado por teres atravessado connosco esta parte da existência, pela tua ternura, pela

constância da tua presença e por tudo aquilo que, sem palavras, nos ensinaste.

Escrevo-te porque também a memória é uma forma de fidelidade. Porque há existências cuja importância não se mede pela dimensão que tiveram aos olhos do mundo, mas pela dimensão do mundo que representaram para aqueles que as amaram.

Se a tua missão era acompanhar-nos até que voltássemos a encontrar a luz, talvez a tenhas cumprido.

A nossa, porém, ainda não terminou.

Vai livre, como sempre desejaste ser.

Que a terra te seja leve, que o infinito te seja vasto e que a nossa memória te seja eterna.

Até sempre, meu querido Faísca.



[1] Michel de Montaigne, *Les Essais* [1595], ed. Pierre Villey e V.-L. Saulnier, livro II, cap. XII,

«Apologie de Raimond Sebond», p. 452. Tradução nossa do original francês: «Quand je me joue à ma chatte, qui sçait si elle passe son temps de moy plus que je ne fay d’elle.»